

num triunfo da Igreja. Foi nomeado Arcebispo, nesse mesmo ano. Dedicou-se aos pobres e à resolução do problema das favelas no Rio de Janeiro, fundando a cruzada de S. Sebastião e o Banco da Providência, destinado à promoção humana em moldes modernos. O Cardeal do Rio de Janeiro, acha bem que ele deixe o Rio e Paulo VI nomeia-o Arcebispo de Olinda e Recife, em 1964. Aquí continua a preocupar-se com o desenvolvimento de todo o Nordeste Brasileiro.

O Governo julga-se atingido com a sua campanha e começa o ataque contra ele e seus sacerdotes, que se azeudou quase até ao limite da prudência. Ele não recua, mas ataca os defeitos do capitalismo, do socialismo e do comunismo, pois continua a dizer que a melhor maneira de combater o erro é livrar as parcelas de verdade prisioneiras do erro, porque quando o erro perde a verdade que nele se encontra, perde o seu poder de sedução e a sua consistência interior».

D. Helder apaixonou os seus adeptos, mas é um homem sincero, um pastor zelosíssimo, um asceta na sua vida de Arcebispo pobre que passa horas em oração e no estudo. É um valor da Igreja e, num futuro próximo, não-de dar-lhe razão.

Este livro é um estudo muito bem ordenado sobre a vida e acção social e pastoral de D. Helder, que ama a Igreja e o Papa com um amor verdadeiramente sobrenatural, bem como aos pobres nos quais vê «a imagem de Cristo».

Os ataques derivam da falta de conhecimento da verdadeira situação do Nordeste Brasileiro e da falta de estudo das obras do Arcebispo de Olinda.

Ao terminar a leitura deste livro ficamos com mais admiração e estima pelas virtudes, ciência e zelo deste grande Arcebispo que só tem uma aspiração: servir a Igreja e o seu povo, trabalhando, sem cessar, pela promoção dos subdesenvolvidos da sua terra.—José Arieiro

BERNAL, Salvador, Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer. *Appunti per un profilo del fondatore dell'Opus Dei*. Ed. Ares. 1 vol. de 368 pgs. 160x220. Milano 1977.

Dois anos depois da morte de Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer (9 de Janeiro de 1902 — 26 de Junho de 1975), Fundador e primeiro Presidente Geral do Opus Dei, aparece uma primeira tentativa, bem sucedida, de fixar alguns aspectos da sua personalidade excepcional que, segundo o juízo unânime de quantos tiveram oportunidade de o conhecerem, não se presta a uma biografia plena e acabada.

Poderão, sem dúvida, voltar a percorrer-se os acontecimentos, os factos e os dados históricos poderão com o tempo ser aprofundados e sistematizados, mas talvez ninguém possa contar-nos a história da sua alma, perceber todos os momentos da sua vida interior, captar a união de vida humana e sobrenatural que nele sempre permaneceu inseparável. Feita esta precisão, pode dizer-se que a narração do autor, jornalista e director da Agência Central da Imprensa (Madrid), segue um critério moderníssimo e hermeneuticamente muito refinado. Separados de toda a mecânica ordem cronológica ou conexão causal, acontecimentos e escritos de épocas diversas são colocados lado a lado e entrelaçados de tal modo que ao longo de toda a narração estão sempre presentes os traços característicos e essenciais de Mons. Escrivá de Balaguer: a sua humaníssima cordialidade, a compreensão e o diálogo com todos, o amor pela liberdade, o sentido sobrenatural em toda a sua acção orientada para aquela Obra «que se propõe a promoção entre as pessoas de todos os estratos da sociedade da busca da santidade cristã no meio do mundo».

O suculento perfil biográfico de Bernal, articulado em nove capítulos cuja estrutura permite também uma leitura autónoma e orgânica com relação à restante narração, abarca sem mais as épocas fundacionais e os acontecimentos decisivos da vida e da obra de Mons. Escrivá de Balaguer, estando o autor sempre atento a assinalar a indispensável cooperação

providencial. Essencial, por explícito reconhecimento do próprio Fundador do Opus Dei, é a idade da infância e da adolescência em Basbastro e em Logronho, onde à sombra de um autêntico lar cristão (tornado, mais tarde, modelo de vida familiar para todos os sócios do Opus Dei) os pais radicaram no ânimo de Mons. Escrivá de Balaguer a doutrina da Igreja, não obstaculizando de forma alguma o chamamento divino para o sacerdócio; entretrecidos de dissabores e de contrariedades de toda a espécie os anos de Madrid (onde, precisamente, no dia 2 de Outubro de 1928 nasceu o Opus Dei), durante os quais Mons. Escrivá de Balaguer desenvolveu um apostolado activíssimo e abnegado nos hospitais da cidade, no meio dos doentes mais abandonados nos bairros da capital em que se amontoavam milhares de pobres e de operários dominados pelo desespero e pelo alcoolismo, entre os estudantes universitários sobre os quais exercia uma fascinação inesquecível; perigoso, até pôr em risco a própria incolumidade física, o tempo da guerra civil (1936-1939) que esteve a ponto de dissolver a organização da Obra mal acabada de nascer e cheios de dificuldades e de perseguições (até foi ameaçado de prisão) os anos sucessivos ao fim do conflito. E, ao recordar estes acontecimentos, sempre suportados com alto sentido sobrenatural e com um pouco de bom humor, Mons. Escrivá de Balaguer chegou a dizer algumas vezes que os maiores obstáculos para o Opus Dei tinham vindo precisamente de Espanha, apesar de não deixar de sublinhar os inúmeros testemunhos de afecto que também lá tinham existido por parte de muitas pessoas que tinham compreendido bem o espírito da Obra. Finalmente, os anos de Roma, onde chegou em 1946 «paupérrimo» mas feliz por estar na cidade do Papa, um dos seus três amores com Cristo e Maria. Estava precisamente no espírito do seu Fundador que Roma se tornasse a cidade centro da missão universal do Opus Dei, que hoje conta mais de 70.000 sócios de 80 nações.

Excelente a apresentação gráfica desta tradução italiana do livro de Salvador Bernal.—José A. Marques.

BERNAL, Salvador, Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer. *Apontamentos sobre a vida do Fundador do Opus Dei*. Ed. Aster e Prumo. 1 vol. de 394 pgs. 142x195. Lisboa 1978.

Monsenhor Escrivá de Balaguer foi um sacerdote que viveu totalmente para Deus e de Deus e, por isso mesmo, foi extraordinariamente humano. Viveu com naturalidade o sobrenatural, sem poder «esconder a sua carga de Deus» (prol. pag. 8).

«Por isso, não é fácil explicar como foi e o que fez» — adverte-nos o autor deste esboço biográfico. Aponta-nos no prólogo a «personalidade íntegra» de Mons. Escrivá, que se manifesta ao longo duma existência tão carregada de sentido humano e divino, numa unidade de vida tão forte, que «resiste à análise, e não se pode descojuntar».

Mais do que uma biografia, o livro de Salvador Bernal é, portanto, um intermediário para conhecer e travar uma amizade profunda com a personalidade do Fundador do Opus Dei. O próprio autor previne os seus leitores para que não esperem «uma biografia acabada»; põe-nos entre mãos «um perfil, umas impressões que, embora baseadas em factos e dados históricos, não seguem uma ordem cronológica». É uma apresentação de Mons. Escrivá, através de episódios, diálogos, testemunhos verídicos, simples, espontâneos, ao longo da sua vida; quem o conheceu pessoalmente, verifica que «há muitas coisas importantes, que não aparecem aqui». No entanto, tendo em conta esta dificuldade de biografar uma vida tão cheia, uma personalidade tão desbordante de riqueza humana e espiritual, a leitura do livro de Salvador Bernal transforma-se num encontro vivo, real com a figura de Mons. Escrivá.

Ao longo das páginas aparece-nos descrita, com pinceladas rápidas mas incisivas, a personalidade do Fundador da Obra: a sua «facilidade para fazer-se entender»; a sua ilimitada capacidade de querer, a sua confiança nos que o rodeiam, a sua lealdade, gratidão, o bom humor constante ancorado num profundo sentimento de filiação divina; o seu amor à liberdade e respeito pela intimidade de

cada um e a sua grande amizade por todos («foi amigo dos seus amigos» isto é de todas as almas, porque todos encontravam um amável acolhimento no seu imenso coração sacerdotal); a sua facilidade para referir o amor humano ao divino, e o Amor de Deus ao coração humanamente enamorado; a sua heróica prudência sobrenatural que o levava a actuar «com alma e com calma», lema do seu escudo de família; a prudência de saber caminhar — e levar os outros a caminhar — «ao passo de Deus»; a sua magnanimidade, audácia perante as dificuldades, fruto do intuito único e firme de cumprir a vontade de Deus; o seu espírito de laboriosidade, incansável, impregnado da virtude sobrenaturalizada da ordem, levada a extremos heróicos; o seu trato íntimo com Cristo, com a Santíssima Virgem, com São José; a sua oração constante pela Igreja e pelo Papa; o seu grande amor por todas as almas, que levou Mons. Escrivá a palmilhar toda a cidade de Madrid — já nos seus primeiros anos de sacerdócio —, toda Europa, e a lançar-se até aos países da América Latina, em tertúlias multitudinárias: conversas espontâneas «de catequese» nas quais — seguindo o lema constante de toda a sua vida: «o que me compete é desaparecer, para que só Jesus brilhe» — conseguia que imediatamente cada alma se enfrentasse com as exigências pessoais da doutrina de Cristo, e ensinava a encontrar-Lo e a seguir-Lo de acordo com as circunstâncias concretas da vida vulgar do cristão.

No I capítulo, S. B. leva-nos junto duma família cristã, normal — a família onde Mons. Escrivá fez a sua primeira descoberta do amor humano e do amor divino, unidos no carinho dos seus pais; apresenta-nos Mons. Escrivá como uma criança normal, «alegre e travessa» (pág. 18), duma família de rico ambiente humano e cristão, onde o carinho humano entrelaçava com o amor divino, manifestado numa vida de piedade forte e rija. Foi este ar de família que Mons. Escrivá iria gravar na Obra, onde o «Pai» é verdadeiramente «Pai», e todos sentem o calor humano e sobrenatural duma família.

O cap. II, à volta da vocação de Mons. Escrivá para o sacerdócio,

aponta os primeiros pressentimentos de que Deus queria algo; o seu amor à Eucaristia, que o levava a fazer da Santa Missa um «epitalâmio», um «canto de bodas».

No cap. seguinte, o autor descreve os momentos centrais da fundação do Opus Dei, em Madrid, em 1928, três anos depois da sua ordenação: a chamada universal à santidade, com afirmação, de que «podem ser divinos todos os caminhos da terra, todos os estados, todas as profissões, todas as tarefas honestas», que constituiu uma redescoberta que se adiantou em muitos anos ao Concílio Vaticano II.

«Tempo de amigos» é um capítulo onde se intui essa profunda capacidade de «fazer-se» com as pessoas, de compreender todos: de ser verdadeiramente amigo, sem instrumentalizar a amizade. A história dos começos do Opus Dei pode compendiar-se com a história dos amigos do seu Fundador. Nascida num «Coração Universal», a Obra começou em Madrid, nos Hospitais e arredores, entre os pobres e doentes — «o grande tesouro do Opus Dei são os doentes», como dirá muitas vezes o Fundador —, mas desde o primeiro momento, com espírito universal.

Com o título «As Horas da Esperança», volta o autor aos dias de guerra em Espanha, dias de duras dificuldades em que, no entanto, a actividade apostólica de Mons. Escrivá não teve tréguas, e o seu optimismo, carregado de objectividade, foi um impulso constante para todos. Esperança e prudência foram entre outras, virtudes que Mons. Escrivá exercitou em grau heróico. Esperança e prudência — as mesmas virtudes que iriam a servir ao Fundador da Obra para viver sempre uma lealdade incondicional à Igreja, essa «barca de Pedro que não se afunda».

No cap. VIII, sem seguir uma ordem cronológica, Salvador B. descreve-nos com episódios, factos, diálogos, o grande amor do Fundador pela liberdade e a sua grande capacidade de perdoar, de esquecer, de rezar por todos, levada ao grau heróico em momentos difíceis de calúnias, de incompreensões, de contrariedades, que Mons. Escrivá não só perdoava, como aproveitava para — com elegância cris-

tã e bom sentido de humor — rezar e levar até Deus.

«Sem liberdade não se pode amar a Deus»: por isso este mesmo sentido de liberdade está presente em todo o momento na vida de cada um dos sócios e associados do Opus Dei.

A pequena semente do Opus Dei, sem meios humanos, com o apoio exclusivo dos recursos sobrenaturais, cresceu e converteu-se em «árvore frondosa»: uma grande família espalhada por todo o mundo, unida no coração de um mesmo Fundador e Padre.

A vida de Mons. Escrivá termina num acto de abandono cada vez mais incondicional nos braços de Deus Pai. Fazendo sempre de Filho Pródigo — como ele próprio gostava de se apresentar —, o Fundador da Obra sente-se, com o passar dos anos, «como um menino que balbuceia». S. B. termina o seu livro com o texto da oração que Mons. Escrivá fez no dia 28 de Março de 1975, dia em que celebrou as bodas de ouro da sua ordenação sacerdotal: um diálogo simples, espontâneo com Deus, em que reflecte bem toda a sua vida íntima de intensa e profunda união com Deus.

O livro — no seu título original — «Apuntes sobre la vida del Fundador

del Opus Dei» — não pretende, portanto, ser uma biografia. Como esboço, perfil, é fiel à personalidade de Mons. Escrivá, salvaguardando tudo o que fica por dizer, e que cabe ao leitor continuar, numa amizade pessoal, profunda e eficaz, com Mons. Escrivá. As fontes de que se serve o autor, os numerosos testemunhos dão à leitura uma vivacidade que facilita a aproximação à pessoa do Fundador da Obra; o estilo literário, simples, sóbrio, mas vivo, descritivo, torna-se gráfico nas descrições em pinceladas rápidas de episódios eloquentes, diálogos expressivos de Mons. Escrivá com toda a classe de pessoas, com os seus filhos, etc. Entrelaçam-se, numa unidade sem atritos, os textos de S. B. com os do Fundador da Obra: o autor deixa falar o próprio Mons. Escrivá, sublinhando, com uma cuidada elegância literária, as suas palavras e escritos. Fiel ao seu objectivo, o livro apresenta-nos uma personalidade viva, que se adivinha para lá de tudo o que se narra, sendo portanto um óptimo princípio de contacto, de conhecimento e de amizade com um sacerdote de Deus que, no Céu nos pode continuar a ajudar a procurar amizade com Deus. — Maria Luisa Couto Soares

## Teologia Pastoral

CONCÍLIO VATICANO II, Decreto Conciliar sobre o Apostolado dos Leigos. Ed. Apostolado da Oração. 1 vol. de 64 pgs. 120×195. Braga 1978.

Este Decreto fala da vocação dos leigos ao apostolado, fins do apostolado dos leigos, vários campos e modos de apostolado, ordem a guardar no apostolado e formação para o apostolado.

Este Decreto deve estar na mão de todos os católicos, ou pelo menos em todas as bibliotecas paroquiais e centros de formação cristã, pois hoje, mais do que nunca, é verdadeira a

frase de Pio XI: «um cristão que não é apóstolo é apóstata».

A edição é excelente, como é timbre da conhecida editorial. — José Arieiro

CÂMARA, Helder, Cristianismo, Socialismo, Capitalismo. Ed. Sígueme, 1 vol. de 116 pgs. 120×180. Salamanca 1974.

D. Helder da Câmara é, talvez, o Bispo católico mais discutido, nos tempos actuais. A sua voz incomoda os católicos bem situados, os socialis-